



FERNANDO HENRIQUE agradece ao "Parabéns pra você" cantado por convidados da audiência aberta com a comissão especial do corredor-especial, que acompanha o projeto de duplicação do eixo rodoviário Goiás-Minas-São Paulo

FH ataca o desemprego

Plano da safra agrícola reduz custos da cesta básica e aumenta oferta de empregos

Adriana Vasconcelos, Eliane Oliveira e Maria Luiza Abbott

BRASÍLIA E RIO

O presidente Fernando Henrique Cardoso anunciou ontem o novo plano de safra agrícola 98/99, como parte de uma estratégia para reduzir os custos da cesta básica e aumentar a oferta de empregos. O plano traz como novidade a redução das taxas de juros para todos os produtores. A proposta era defendida pelo ministro da Agricultura, Francisco Turra, e contrariava a equipe econômica. Fernando Henrique optou pela opção que acabará lhe rendendo mais dividendos, na medida em que poderá viabilizar, segundo o ministro, a criação de dez milhões de empregos até 2000, quando a safra anual deverá atingir cem milhões de toneladas de grãos.

Para dobrar o ministro da Fazenda, Pedro Malan, Fernando Henrique atrasou em uma hora o anúncio do plano de safra, que colocará à disposição dos agricultores R\$ 11 bilhões, superando em 37% os recursos liberados no ano passado. Esta foi a primeira vez que o presidente anunciou o plano anual de safra e mostra a sua disposição de corrigir as falhas na comunicação do Governo, criticadas por seus próprios aliados, às vésperas do período eleitoral. Ele estava acompanhado por Malan e por Turra. Fernando Henrique fez questão de salientar que as novas taxas de juros são as menores desde o início da década de 70. E confirmou ainda que a possibilidade de criação de postos de trabalho no campo acabaram pesando na decisão.

— Desde a década de 70 não havia se conseguido empréstimos nessa quantidade, com uma taxa de juros tão baixa. Então, acho que é algo que convém que seja apreciado de maneira objetiva. Porque num momento em que todo mundo está na luta contra a taxa de juros, para que possamos ter melhores condições de oferta de emprego, o setor agrícola vai ter esta oportunidade — ressaltou.

As medidas de combate ao desemprego, o calcanhar-de-aquiles do Governo, não se restringem ao plano agrícola. O Ministério do Trabalho estuda medidas como incentivos à construção civil; mudança na legislação para que, com negociação coletiva, sejam encontrados meios de reduzir as demissões em períodos de queda na produção; ampliação do programa de retreinamento de mão-de-obra; aumento da oferta de crédito para pequenas e microempresas; e negociações por setores, incluindo trabalhadores e patrões, para reduzir as demissões e aumentar a produção.

As taxas de juros agrícolas para os médios e grandes produtores caíram de 9,5% para 8,75% ao ano. Os micro e pequenos, atendidos pelo Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf), pagarão 5,75%. Em 1997, pagaram 6,5%. Como a inflação deste ano não deve ultrapassar a 4%, o presidente lembrou que, na prática, a taxa de juros para esse segmento será de apenas 1,75% e para os grandes e médios produtores, de 4,75%. Fernando Henrique ainda destacou que esse é o primeiro Governo a colocar recursos oficiais à disposição dos micro e pequenos agricultores.

— Progressivamente, como temos uma economia estável, um Governo sério, que busca gente competente, estamos criando condições para fazer o que nunca foi feito: voltar a atender o agricultor. E pela primeira vez na História do Brasil,

neste Governo, foram criadas linhas de crédito para o pequeno agricultor. Claro que algumas pessoas vão continuar reclamando, é natural, mas quando se vai verificar descobre-se que pela primeira vez os bancos oficiais e os recursos do Governo passam não só às mãos dos grandes produtores, que precisam ser apoiados, como também aos pequenos e micro produtores — disse.

A decisão custará R\$ 500 milhões. Esse valor corresponde à diferença entre os juros agrícolas e os de mercado que terá que ser coberta, levando-se em conta que, dos R\$ 11 bilhões que estarão disponíveis, R\$ 5,5 bilhões poderão ser emprestados a taxas menores que as do mercado.

O Pronaf — que Fernando Henrique fez questão de dizer que era sua criação — foi beneficiado com R\$ 2,3 bilhões. O presidente ressaltou que, no ano passado, a verba destinada aos micro e pequenos produtores foi de R\$ 1,7 bilhão.

Antes do anúncio, Fernando Henrique reuniu cerca de mil convidados em audiência aberta com a comissão especial do corredor-especial, que acompanha o projeto de duplicação do eixo rodoviário que liga Goiás, Minas Gerais e São Paulo. Entusiasmado pelos aplausos da plateia, integrada basicamente por políticos goianos e mineiros, o presidente disse que se sentia feliz ao ver seus convidados se sentirem em casa no Planalto. No encerramento da audiência, o público cantou "Parabéns pra você", antecipando em um dia as comemorações pelo aniversário do presidente, que faz hoje 67 anos.

— Hoje para mim foi um dia de festa, um dia de festa íntima. O aniversário, já tenho mais dúvidas, porque fico cada vez mais velho. Mas, fora isso, o calor que sinto de vocês todos, o fato de estarem aqui, com simplicidade. Não faço discurso, converso. O fato de nos sentirmos nesse palácio, que é do povo, em casa, não porque seja minha, porque não é meu, mas porque todos devemos nos sentir em casa aqui, sem temor de nada, porque aqui estamos, simplesmente, tentando ajeitar para o bem do Brasil soluções necessárias — disse.

Ao lado dos governadores de Goiás, Naphtali Alves de Souza (PMDB), e de Minas, Eduardo Azeredo (PSDB), Fernando Henrique destacou o papel da ampla aliança partidária que tem dado sustentação ao Governo e aproveitou para alfinetar adversários dizendo que não se pode governar com rancor e ódio.

— Quantas vezes ouvi críticas infundadas de que o presidente está fazendo alianças. Querem que faça o quê? Que afaste uma parte do Brasil e diga esse não, porque não é brasileiro? Esse não, porque não é do meu partido? No dia em que fizer isso, não posso liderar o Brasil. Para liderar o Brasil é com generosidade, coração aberto, sem rancor, sem ódio — salientou.

Em entrevista à jornalista Miriam Leitão, veiculada ontem à noite na Globonews, o presidente disse que o Governo tem condições de resolver o problema do desemprego em quatro ou cinco anos, recuperando o crescimento econômico, investindo em obras públicas e habitação e reforço à educação e à capacitação profissional. Fernando Henri-

que se mostrou otimista com o futuro do país e atribuiu o aumento do desemprego aos efeitos da seca no Nordeste e às medidas que tomou para evitar que o Brasil desse uma cambalhota com a crise asiática, em outubro. Essas medidas, segundo ele, contribuíram para sua queda nos índices de intenção de voto para presidente.

Para o presidente, a população vai decidir se continua ou não "com a perspectiva que tem, com os passos que deu". Não há, segundo ele, propostas opcionais consistentes sendo apresentadas.

— Fechar a economia, voltar para a inflação, tomar medidas demagógicas, fingir que atende o social? Por mais bem intencionadas que sejam as pessoas, não vi políticas consistentes. Tudo o que vejo como proposta é inviável. Se fosse viável, faria. Ou você acha que alguém vai querer ter as taxas de juros altas como estão por prazer?

O presidente disse que a estabilidade é o caminho do Brasil para entrar no próximo milênio "como um país sério, maduro, que participa do jogo do mundo". Segundo ele, o Brasil tem condições de, nos próximos anos, crescer numa velocidade maior, mas dentro do "novo mundo".

— Não adianta crescer à moda antiga, fechar a economia e dar subsídios para o industrial. Isso não existe mais. Só em Cuba. Talvez na Albânia.

O crescimento que o Brasil terá nos próximos anos, segundo Fernando Henrique, não provocará o aumento do déficit público, porque "o grosso do investimento hoje é privado, não é público". As reformas constitucionais, segundo ele, vão facilitar também a luta contra um inimigo grande, a burocracia, que classifica como parasita do povo. Fernando Henrique ameaçou punir os bancos que puserem em risco a estabilidade do Real com especulações e conclamou os bancos a emprestarem mais dinheiro aos pobres.

— Nosso bancos não foram feitos para emprestar aos pobres, mas aos ricos. A burocracia resiste a isso — afirmou.

O presidente atribuiu o aumento dos juros mais ao mercado do que às decisões governamentais. Segundo ele, os juros do Banco Central já retornaram aos níveis de outubro. Os que ainda continuam acima disso são os impostos por comerciantes e banqueiros.

Em entrevista à Rádio Manchete, Fernando Henrique voltou a tocar no emprego como questão central nos próximos anos. E citou o exemplo do Rio para afirmar que a oferta de empregos está crescendo.

— O Rio não tinha um pólo metal-mecânico e agora tem. Há ainda o Porto de Sepetiba. Falta tomar uma porção de decisões, mas não sou só eu, é junto com os empresários e os governos, pois são decisões que criam condições de crescimento para o Rio. No ano passado, a taxa de desemprego no Rio era menor do que 4%; nos Estados Unidos, é de 4,7% hoje, e todos dizem que os Estados Unidos estão dando emprego para todo mundo.

Na sua avaliação, a oferta de empregos cresce incessantemente, mas a oferta de mão-de-obra cresce a um ritmo maior porque muitos estão entrando no mercado de trabalho. A médio prazo, segundo ele, esse fenômeno será resolvido porque a taxa de crescimento demográfico está caindo.

— O ministro Malan esteve no Rio semana passada e, mais uma vez, vamos alocar recursos para casas populares. ■

"Tenho confiança de que num próximo mandato, num período de quatro anos, essa questão (do desemprego) se resolve"

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO